

ESCRITAS DE SI E POÉTICA EM IMAGENS: UMA ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA SOBRE DIVERSIDADE MEDIADA PELA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Writing the Self and Poetry in Images: An (auto)biographical Approach to Diversity Mediated by Artificial Intelligence

Marcus Andrei Ullmann¹

Carine Winck Lopes²

Resumo: Este artigo³ situa-se na intersecção entre as tecnologias digitais e a pesquisa (auto)biográfica em educação, problematizando as desigualdades escolares no contexto pós-pandemia. O objetivo é investigar como a Inteligência Artificial (IA) pode atuar como dispositivo disparador de narrativas sobre diversidade e inclusão. Fundamentado teoricamente no multiculturalismo de Candau e no conceito de estigma de Goffman, e dialogando com a abordagem das escritas de si, o trabalho apresenta uma reflexão pedagógica a partir da atividade "Diversidade: Elo a Elo". Metodologicamente, descreve-se o percurso criativo de um poema concreto autoral e sua transmutação em metáforas visuais geradas por Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLM's). As imagens resultantes são analisadas para além de produtos técnicos; são como textos visuais que evocam memórias e reflexões sobre marcadores sociais — raça, gênero e território. Conclui-se que a IA, quando mediada pela sensibilidade docente e pela poética, transcende sua função instrumental, tornando-se uma ferramenta potente para que estudantes e professores reescrevam suas próprias histórias, transformando o estigma em narrativas de pertencimento e união no espaço escolar.

Palavras-chave: Escritas de si. Narrativas (auto)biográficas. Diversidade e inclusão. Inteligência artificial na educação. Estigma.

Abstract: This article is situated at the intersection of digital technologies and (auto)biographical research in education, problematizing school inequalities in the post-pandemic context. The objective is to investigate how Artificial Intelligence (AI) can act as a triggering device for narratives regarding diversity and inclusion. Theoretically grounded in Candau's multiculturalism and Goffman's concept of stigma, and in dialogue with the "writing of the self" approach, this work presents a pedagogical reflection based on the activity "Diversity: Link by Link" (Diversidade: Elo a Elo). Methodologically, it describes the creative journey of an original concrete poem and its transmutation into visual metaphors generated by

¹ Químico, Mestre em Química (UFPel), Doutor em Química (UFRGS), Pós-doutorado na área de polímeros (Braskem). Atuou no desenvolvimento de tecnologia educacional junto ao IEL/RS. Professor EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz. Orcid: 0000-0001-5909-7191.

² Pedagoga, Especialista em Supervisão e Gestão Escolar, Mestre em Educação e Doutora em Educação (UFRGS). Atualmente coordena a especialização em Gestão Escolar. Professora EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Feliz. Orcid: 0000-0003-0330-7449.

³ O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

Large Language Models (LLMs). The resulting images are analyzed beyond their function as technical products, and treated as visual texts that evoke memories and reflections on social markers—race, gender, and territory. It concludes that AI, when mediated by teaching sensitivity and poetics, transcends its instrumental function, becoming a potent tool for students and teachers to rewrite their own stories, transforming stigma into narratives of belonging and unity within the school environment.

Keywords: Writing of the self. (Auto)biographical narratives. Diversity and inclusion. Artificial intelligence in education. Stigma.

1 Introdução

Ao rememorar as marcas deixadas pela pandemia⁴ no tecido escolar, este texto se propõe a ser uma escrita de si e do outro. Partindo de uma abordagem (auto)biográfica, investigamos como a intersecção entre a poética docente — materializada em um poema concreto autoral — e as novas tecnologias de Inteligência Artificial (IA) podem se tornar dispositivos para narrar e refletir sobre as desigualdades e o estigma. Trata-se de usar a IA para indagar como nós, sujeitos da educação, podemos nos reescrever por meio dela, dessa linguagem emergente.

A pandemia de covid-19 acentuou as desigualdades educacionais e escolares preexistentes, evidenciando a urgência de se discutir e combater as disparidades que afetam o acesso, a permanência e o sucesso escolar de diferentes grupos (Ferreira, 2023). Diante desse cenário de fragmentação social, propomos problematizar tais desigualdades à luz dos marcadores sociais — como raça/cor, gênero, nível socioeconômico e território — não apenas como dados estatísticos, mas como vivências que atravessam os sujeitos da escola. Para fundamentar essa discussão, recorreremos às contribuições de Candau (2008) sobre a importância do multiculturalismo na educação e de Goffman (1988) sobre os efeitos do estigma na construção da identidade.

Neste percurso investigativo, o poema concreto apresentado não atua apenas como um input técnico para a máquina, mas configura-se como uma autêntica "Escrita de Si". Ao grafar a própria experiência em versos, o docente-autor convoca a sensibilidade e o afeto, elementos fundamentais na pesquisa narrativa. Como destaca Moraes (2025), a pesquisa narrativa autobiográfica tece-se com afeto, sensibilidade e emoção, permitindo a construção de conhecimentos plausíveis sobre a experiência humana vivida e a tessitura de novos sentidos para a formação (Moraes, 2025). O poema é, portanto, o elo inicial de uma cadeia de significações que busca, por meio da empatia que a palavra evoca, conectar a subjetividade do professor às Histórias de Vida⁵ dos estudantes.

A atividade educativa proposta, "Diversidade: Elo a Elo", vai além de uma aula convencional ou de uma demonstração técnica; ela opera como um dispositivo pedagógico para evocar as narrativas dos estudantes sobre exclusão e identidade. Lopes (2021) cita que antes

⁴ A pandemia a que se referem os autores foi causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 em 2019, infectou mais de 39.318.220 pessoas no Brasil, e perdurou por cerca de dois anos havendo isolamento social com as pessoas ficando reclusas em suas casas (Brasil, 2025).

⁵ Método de investigação qualitativa que transcende a mera coleta cronológica de dados biográficos. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar que busca acessar a dimensão social e cultural a partir da narrativa singular do sujeito. Nesse processo, o interesse do pesquisador não recai sobre a "verdade factual" do passado, mas sobre o significado simbólico que o narrador atribui às suas próprias vivências, sempre mediado pelo trabalho plástico e reconstrutivo da memória (Nogueira *et al.*, 2017)

mesmo de aprendermos os códigos de decifração da leitura, ao vermos alguém lendo e, mesmo ao ouvir alguém lendo, estamos imersos em um mundo letrado. Se os textos possuem um papel fundamental em nossa sociedade, a capacidade dos Modelos de Linguagem de Grande Escala (*Large Language Models* – LLM's) representa uma evolução da prática de leitura e escrita, expressa aqui na engenharia de *prompts*⁶.

A habilidade de gerar prompts como forma de interação com a máquina capacita educandos e educadores a buscas elaboradas e formulação de conceitos em áreas complexas como a química (Hatakeyama-Sato, 2023) e a informática (Bubeck *et al.*, 2023). Bubeck *et al.* (2023) demonstram, ainda, como *prompts* podem ser utilizados para a composição de músicas e figuras, bem como diálogos retóricos baseados em conceitos filosóficos. A engenharia de *prompts* (Lo, 2023) é um campo em expansão dentro do território da educação ao fornecer ferramentas mais precisas e adaptáveis para o ensino e a aprendizagem. Contudo, neste trabalho, assumimos uma postura onde a tecnologia serve à narrativa humana: dominar a engenharia de *prompts* passa a ser uma habilidade valiosa para, além de inovar tecnicamente, criar pontes de diálogo onde a IA desempenha um papel de mediadora das subjetividades e das diferenças no chão da escola.

Unir poesia, IA e formação cidadã emergiu de um momento específico de formação docente, no seio do componente curricular de Educação para as Diversidades. O processo de escrita do poema concreto, que serve de base para esta investigação, surgiu da necessidade urgente de adequação à sala de aula pós-pandemia.

Quando retornamos ao convívio presencial, deparamo-nos com uma escola que precisava ser restabelecida como espaço de convívio, acolhimento e convergência social. O poema nasceu, portanto, como um ato político e educativo: uma tentativa de organizar, pela palavra estética, o caos das desigualdades evidenciadas pelo isolamento social. Escrever sobre si e sobre o desejo de inclusão tornou-se uma forma de resistência contra a fragmentação dos laços escolares.

O objetivo principal deste artigo, diante do exposto, é investigar as potencialidades da IA Generativa, mediada pela poética e pela escrita de si, como dispositivo disparador de narrativas sobre diversidade, inclusão e estigma na formação de professores. Metodologicamente, o estudo configura-se como um Ensaio Teórico-Reflexivo ancorado nos princípios da Pesquisa-Formação e da Investigação Narrativa, utilizando a criação de imagens via *prompts* como ferramenta de mediação biográfica. São objetivos específicos:

- a) compreender o poema concreto autoral como um artefato (auto)biográfico que reflete as angústias e esperanças docentes no contexto pós-pandemia;
- b) analisar as imagens geradas por IA como metáforas visuais e "disparadores biográficos" capazes de evocar a subjetividade dos estudantes alegoricamente;
- c) propor uma estratégia pedagógica que integre letramento digital crítico e sensibilidade humana, visando a formação cidadã em componentes curriculares voltados à diversidade.

Para dar conta deste percurso, o texto está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, a segunda e a terceira seções discutem o letramento digital crítico no pós-pandemia e o uso de tecnologias como mediadoras de narrativas. A quarta seção aprofunda o referencial

⁶ Técnica, bem como ciência que estuda o fundamento para criar, refinar e otimizar instruções (*prompts*) dadas a modelos de IA. Visa garantir que a máquina compreenda o contexto e produza respostas mais precisas, relevantes e de qualidade.

teórico sobre marcadores sociais e estigma. A quinta seção detalha os percursos metodológicos da pesquisa-formação. Na sexta seção, apresentamos os resultados e a discussão por meio de uma hermenêutica das imagens geradas. A sétima seção materializa a prática por meio da descrição da atividade "Diversidade: Elo a Elo", culminando, por fim, nas considerações finais.

2 Letramento digital crítico: a docência pós-pandemia

Diante da interrupção abrupta das atividades presenciais causada pela pandemia, a instituição adotou o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como solução temporária para garantir a continuidade do calendário acadêmico. Diferente da educação a distância (EaD) tradicional, o ERE funcionou com aulas síncronas (ao vivo) e assíncronas, adaptando o conteúdo presencial para o ambiente virtual, sem alterar o vínculo do estudante com a turma ou a estrutura curricular original. Foi um período em que fomos lançados às telas, e a tecnologia tornou-se a única ponte possível entre docentes e discentes, mascarando, muitas vezes, as profundas desigualdades de acesso e permanência.

O retorno ao ensino presencial após o longo período de isolamento imposto pela pandemia de Covid-19 foi, para além de um movimento logístico, um encontro com as discrepâncias entre teoria acadêmica e prática vivencial. Ao reencontrar os estudantes, deparamo-nos não apenas com defasagens de conteúdo, mas com "corpos-em-falta". A angústia com a desigualdade deixou de ser um conceito sociológico abstrato para se tornar uma vivência diária em sala de aula. O conflito de Marx, no qual o sujeito é despojado de sua essência pelo capital deslindava-se diante de nós com estudantes sentindo-se engrenagens para formação de corpos dóceis, que servem ao sistema e a uma classe burguesa (Foucault, 1987). A anomia de Durkheim, que revela o sofrimento pela fragilidade dos laços sociais, era sentida como desamparo institucional pelo corpo discente, gerando desmotivação e evasão. A racionalização descrita por Weber, que aprisiona o indivíduo em uma hierarquia burocrática sem sentido (Silva, 2009; D'Ossso, 2025), era posta como sensação de barreira cirurgicamente desenhada para favorecer estudantes que já gozavam algum tipo de status social a acender em carreiras com valorizados diplomas.

O resultado: a escola perde a característica de formação cidadã, é vista como engrenagem do estado, descolada da vida quotidiana e sem significado para inserção no mercado de trabalho. Um caldo de ideias controversas para justificar evasão e, como percebemos, na região onde atuamos, uma pressão avassaladora exercida pelas famílias para que esses jovens ingressassem precocemente no mundo do trabalho, muitas vezes em detrimento da escolarização formal. A escola, para muitos, havia se tornado um "tempo morto" entre a sobrevivência e a necessidade.

Nesse contexto de urgências, a tecnologia – que durante o ERE foi, paradoxalmente, ponte e muro de exclusão – precisava ser ressignificada. Não se tratava mais de usar ferramentas digitais para "transmitir conteúdo", mas de desenvolver um letramento digital crítico. Entendemos aqui o letramento não apenas como a habilidade técnica de operar máquinas, mas como a capacidade de ler o mundo por meio delas e, crucialmente, de reescrever a si mesmo nesse processo.

A IA Generativa e os LLM's, frequentemente discutidos por suas capacidades técnicas de assistência ao estudo, personalização do aprendizado ou correção automática (Wang *et al.*, 2024), surgem aqui sob outra ótica. Em vez de focarmos na eficiência algorítmica descrita por Lo (2023) ou na engenharia de *prompts* como fim em si mesmo (Bubeck *et al.*, 2023), propomos

olhar para essas ferramentas como espaços de disputa de narrativas. Se a IA pode alucinar ou reproduzir vieses, ela também pode servir como espelho distorcido que nos obriga a questionar o que é ser humano, o que é ser imperfeito e o que é ser diverso.

O uso da IA em sala de aula, portanto, não é uma adesão acrítica ao "novo", mas uma estratégia pedagógica de sobrevivência e conexão. Ao trazer a IA para o centro da roda, buscamos subverter a lógica da tecnologia que produz, artificialmente, com base em modelos treinados por humanos, para que os estudantes, muitas vezes marginalizados digital e socialmente, pudessem se ver como produtores de cultura e não apenas como consumidores passivos de algoritmos.

3 Tecnologias digitais como mediadoras de narrativas

Para que a tecnologia não nos desumanize, é preciso que ela seja mediada pela narrativa. Como nos ensina Nóvoa (1992), a formação não se constrói por acumulação, mas por um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente da identidade pessoal. O professor que sou não se separa da pessoa que sou; minhas angústias frente à desigualdade e meu desejo de inclusão são a matéria-prima da minha docência.

Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica em educação oferece o aporte teórico necessário para compreender a atividade proposta não como um "plano de aula", mas como um dispositivo de formação. Josso (2004) destaca a importância da experiência formadora, na qual o sujeito toma consciência de sua própria história. Ao criar o poema concreto que serve de base para esta atividade, realiza-se um exercício de "escrita de si". O poema não foi um input aleatório para a máquina; foi a cristalização de meus sentimentos sobre a diversidade, o estigma e a esperança de união. Foi, como sugere Delory-Momberger (2008), um processo de biografização, pelo qual dei forma e sentido à minha experiência docente fragmentada pela pandemia.

A Inteligência Artificial entrou neste processo como uma "nova linguagem" para dialogar com as Histórias de Vida dos alunos. Desmistificando a ideia da tecnologia como solução de um "deus *ex-machina*", utilizamos a IA generativa para criar o que chamamos de "disparadores biográficos". As imagens geradas — com suas belezas e, principalmente, com suas falhas (como as mãos anatomicamente imperfeitas geradas pelo algoritmo) — serviram como metáforas visuais potentes.

Souza (2006) argumenta que o trabalho com narrativas no Brasil tem permitido dar voz a sujeitos historicamente silenciados. Ao confrontar os estudantes com as imagens de "flores murchas" (estigma) ou "elos rompidos", não estamos analisando a qualidade gráfica do Gemini, mas convidando-os a narrar suas próprias cicatrizes. A imperfeição da imagem gerada pela IA dialoga com a imperfeição humana, permitindo que o estigma, tão bem analisado por Goffman (1988), fosse discutido como vivência à luz da teoria.

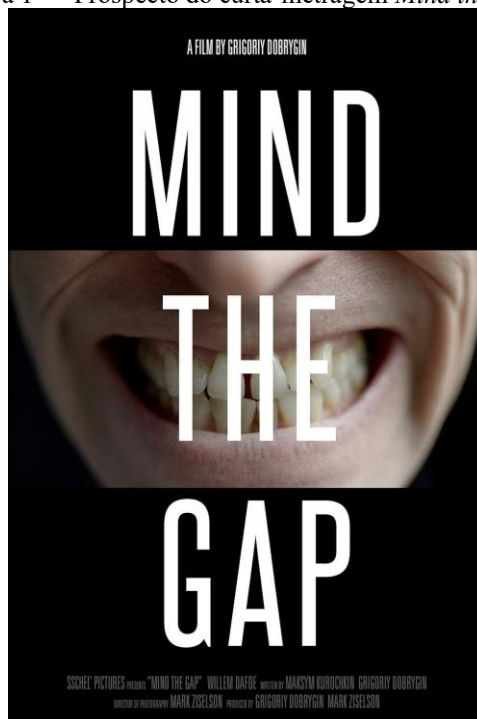
Assim, a tecnologia atua como mediadora. Ela cria o distanciamento necessário para que a dor possa ser dita e, ao mesmo tempo, a aproximação visual que gera empatia. O poema autoral e as imagens de IA compõem, juntos, uma tessitura narrativa, em que professor e alunos se encontram. Não se trata de substituir a voz humana pela sintética, mas de usar o sintético para amplificar o humano, permitindo que, em meio à pressão do mundo do trabalho e às desigualdades, a escola volte a ser um lugar de elaboração de sentidos e de construção de identidades.

4 Marcadores sociais: identidade, diversidade e estigma

Diante do cenário de evolução das LLM's, Marques *et al.* (2024) argumentam que a integração da IA na educação viabiliza a aprendizagem personalizada, permitindo que estudantes de diferentes lugares e realidades tenham acesso a recursos educacionais avançados. No entanto, sob a ótica da pesquisa narrativa, essa personalização ganha uma camada mais profunda: a tecnologia passa a mediar não apenas conteúdos, mas subjetividades. A potencialidade da LLM dentro de um ambiente multicultural é respaldada aqui como um campo de pesquisa contínua para o desenvolvimento de diretrizes que visem maximizar os benefícios das tecnologias emergentes na educação, humanizando-as.

Usar um modelo de linguagem que gere textos e imagens para explorar temas sensíveis — tais como desigualdade social, estigmas físicos e sociais, bem como a própria temática da inclusão e da diversidade — constitui um desafio ético e estético. Nesse processo, o poema concreto autoral inserido no *prompt* funcionou como uma "escrita de si", posto que a poesia evoca sentimentos e descreve cotidianos (Siqueira, 2024). Ao expor minhas próprias percepções sobre a dor da exclusão e a esperança da união, convidei a máquina a traduzir sentimentos em pixels. O resultado visual, muitas vezes imperfeito, estabelece um diálogo direto com o monólogo de Willem Dafoe em *Mind the Gap* (2016) (Dobrygin, 2016) — Figura 1. Assim como o ator reivindica o espaço entre seus dentes não como falha, mas como "abertura" e "possibilidade", as imagens geradas pela IA — com suas estranhezas e "alucinações" anatômicas — tornam-se disparadores biográficos. Elas sinalizam aos estudantes que a imperfeição faz parte da existência e que o estigma pode ser narrado e ressignificado.

Figura 1 — Prospecto do curta-metragem *Mind the Gap*.



Fonte: IMDb (2016).

Visa-se humanizar a ferramenta para torná-la aliada no processo de transversalização de conteúdos dentro dos componentes curriculares comuns no ensino de base, tais como geografia, literatura e história, mas agora atravessados pelas Histórias de Vida dos sujeitos.

Ao reconhecer as diferenças individuais como uma riqueza a ser explorada, e ao empregar ferramentas tecnológicas inovadoras, podemos moldar um ambiente educacional [...] inclusivo. [Promove-se a] igualdade de oportunidades e [...] fortalecimento da autonomia de todos os aprendizes, independentemente de suas habilidades ou localizações geográficas. A busca por uma educação inclusiva, respaldada pela tecnologia, é, portanto, um compromisso essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais equitativa e preparada para os desafios do futuro (Marques *et al.*, 2024, p. 10).

No curta-metragem “*Mind the Gap*” (2016), dirigido por Grigoriy Dobrygin, o ator Willem Dafoe realiza um monólogo sobre a peculiaridade de seus dentes espaçados. Dafoe aborda a aceitação de suas características físicas únicas e a percepção pública sobre elas. O audiovisual tem menos de 2 minutos e meio e pode ser introduzido no contexto escolar e acadêmico sem prejuízo do tempo. A mensagem serve como metáfora ao caso dos estigmas sociais. Goffman (1988) discute como a sociedade cria categorias de pessoas e atribui estigmas a características que desviam do que é entendido como norma. Dafoe, em seu monólogo, reflete sobre como seus dentes espaçados são vistos como uma anomalia, um desvio da norma estética; como são, frequentemente, comentados e julgados, citando que pessoas lhe sugeriram que os consertasse, o que se alinha com a ideia de Goffman de que características físicas podem levar a uma identidade social deteriorada.

Goffman (1988), em sua obra sobre estigma, demonstra como a atribuição de características negativas a determinados indivíduos ou grupos pode levar à sua marginalização e exclusão social, dissertando sobre desvios das normas sociais que levam às percepções dos indivíduos desviantes. No contexto escolar, o estigma pode se manifestar de diversas formas, afetando a autoestima, o desempenho acadêmico e as relações interpessoais dos estudantes que são alvo de preconceito. Dafoe, ao falar abertamente sobre seus dentes, está controlando a narrativa e desafiando o estigma (Dobrygin, 2016) que a sociedade lhe impôs, categorizando-o com base em sua característica desviante:

[...], mas eu gosto dos meus espaços [...]. Os espaços são abertura, possibilidade, lugar para saborear. Quanto maiores os espaços, maior o contato. [...] Enriquecem minha vida. [...] Até pedi a meu dentista para ampliar os meus espaços [...] você nunca pode ter espaços suficientes. (Dobrygin, 2016, 00min36s-02min17s).

A narrativa de Dafoe é utilizada para transformar uma característica estigmatizada em um ponto de orgulho, subvertendo a expectativa social. Indivíduos estigmatizados gerenciam a informação sobre suas características para controlar a percepção dos outros (Goffman, 1988), podendo ser utilizado como instrumento para aceitação social. Dafoe desafia a norma estética ao celebrar sua diferença, questionando o que é considerado “normal” ou “aceitável”. A celebração de suas características únicas pode ser vista como uma forma de resistência contra a conformidade social. Inclusive, a metáfora utilizada no título “*Mind the Gap*”, significa “Cuidado com o espaço”, refere-se ao vão que deve ser observado entre a plataforma e o acesso ao metrô. A frase é comumente utilizada como advertência e reforça o conteúdo subversivo do curta-metragem.

Dessa forma, ao confrontar os alunos com as imagens geradas a partir de uma "escrita de si" docente, criamos um espaço seguro para que eles falem de suas próprias identidades. A tecnologia, mediada pela sensibilidade, permite que os marcadores sociais deixem de ser apenas estatísticas de exclusão para se tornarem enredos de resistência e afirmação, nos quais cada "gap", cada falha e cada diferença é celebrada como parte essencial do mosaico humano.

Candau (2008) defende a importância de uma educação multicultural que reconheça e valorize a diversidade cultural presente nas salas de aula. A autora destaca que a escola precisa ser um espaço de diálogo e interação entre diferentes culturas, promovendo o respeito mútuo e a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Contudo, a realidade educacional brasileira ainda se caracteriza por profundas desigualdades, marcadas pela intersecção de diferentes marcadores sociais. É crucial que no seio de cursos que se dediquem à formação de educadores se aborde a diversidade e o multiculturalismo para promover a compreensão e a aceitação das diferenças. Discutir filmes como "*Mind the Gap*" pode ajudar discentes e docentes a reconhecer e valorizar a diversidade física e cultural. Encorajar a autoaceitação é fundamental para o desenvolvimento saudável dos alunos. Ao observar as múltiplas formas de narrar educadores podem promover discussões sobre estigma e identidade para ajudar os alunos a entender as complexidades da identidade social e a importância da aceitação. Atividades que incentivem a comunidade escolar e acadêmica a expressar suas próprias características únicas e a celebrar as diferenças podem fortalecer a autoaceitação, promover a empatia e recuperar a escola como espaço de cidadania.

5 Percursos metodológicos: a pesquisa-formação e a poética como ato político

Ao configurar-se como um Ensaio Teórico-Reflexivo, ancorado nos princípios da Pesquisa-Formação e da Investigação Narrativa, este trabalho.... Diferente de um relato de experiência *ex post facto*, esta abordagem permite que o pesquisador se debruce sobre a construção de dispositivos pedagógicos como parte integrante do seu próprio desenvolvimento profissional e identitário. Na construção deste instrumento pedagógico, a metodologia foi o caminho para alcançar um resultado, e ela própria foi um processo de dar sentido à experiência docente em tempos de incerteza.

5.1 O dispositivo pedagógico: da palavra à imagem

Nesta investigação narrativa, o poema autoral atua como a "Escrita de si" do docente-pesquisador. Ele é o *input* sensível que alimenta a máquina. A atividade "Diversidade: Elo a Elo" foi desenhada para ser aplicada com estudantes de Licenciatura e Educação Básica, funcionando como um convite para que eles também narrem suas identidades.

Metodologicamente, o processo de criação das lâminas educativas seguiu como etapas reflexivas (a) a escrita de si por meio da escrita do poema, (b) a mediação tecnológica pela escrita do *prompt* e (c) a curadoria pedagógica pela análise crítica das imagens geradas.

5.1.1 A escrita de si (o poema)

A cristalização dos conceitos de Inclusão, Multiculturalismo, Estigma e União em versos concretos — pensados pelo docente-autor, que é poeta, como escadas a serem galgadas — é apresentada na Figura 2:

Figura 2 — Poema concreto escrito como *prompt* para geração das imagens subsequentes.

Diversidade
é o jardim onde
florescem
identidades,
Inclusão, cores,
o solo fértil culturas,
Multiculturalismo, que nutre, histórias.
o arco-íris sustenta,
que se desdobra acolhe
Estigma, no céu da educação, cada pétala única.
a sombra que como ponte de luz
as flores enfrentam, entre as diferenças.
União, mas juntas, sob o sol
o prisma do entendimento, dissipam.
através do qual
o mundo se revela,
um mosaico
de possibilidades infinitas.

Fonte: Autoria própria (2024).

O poema autoral intitulado "Ecos na Sombra da Inclusão", criado a partir das discussões dos textos de Candau (2008) e Goffman (1988) no componente curricular de Educação para Diversidades, também figura como material incorporado à estratégia pedagógica. As estrofes enriquecem a discussão ao mostrar profundidade num contexto de palavras utilizadas para evocar sentimentos num eixo que, segundo Passegi *et al.* (2011), “focaliza o ato de narrar como um dispositivo de formação”. Quando o autor-docente organiza conceitos numa linguagem poética ou teatral, as emoções podem reverberar nas memórias dos estudantes, que encontram identificação. Mesmo que não habitual, o poema é um veículo de direcionamento com vistas à “mediação biográfica como prática que implica a formação de formadores para o acompanhamento das escritas de si” (Passegi *et al.*, 2011).

Ecos na sombra da inclusão

Nas salas de aula, onde o futuro descortina,
Candau sussurra: a diversidade acontece.
É lá o palco onde o preconceito perece,
No multiculturalismo, a inclusão se afina.

Goffman nos mostra, com sua clara percepção,
Estigma é sombra na identidade em construção.
Mas na diversidade, há forte conexão,
Cada ser brilha uma luz com única expressão.

No jardim da existência, flores diversas brotam,
Cores e perfumes, em harmonia, entrelaçam.
Cultura é um solo para todas as raízes,

Incluir é irrigar com todos os matizes.

Juntas, as flores enfrentam o antigo enigma.
No jardim da vida elas dançam uma rima,
Pétalas são memória; espinhos são estigma,
Na diversidade encontram máxima estima.

5.1.2 Mediação tecnológica (o prompt)

A tradução desses sentimentos para a linguagem da IA (Gemini) buscou verificar como o algoritmo interpreta a subjetividade humana. O poema concreto apresentado foi usado como base para gerar as imagens da atividade pedagógica via *prompts* no Gemini AI, versão 1.5 Flash (2024), ferramenta de geração de texto e imagem em modelo *Large Language Model* (LLM) (Delbone *et al.*, 2024), de livre acesso via navegadores de internet.

A escolha do Gemini AI para a pesquisa justificou-se por sua acessibilidade e integração fluida na geração de texto e imagem à época, características essenciais para a realidade escolar. É imperativo reconhecer, contudo, que a natureza estocástica dos modelos generativos (Wang *et al.*, 2024) implica que o uso de outras ferramentas, como o ChatGPT, resultaria em metáforas visuais esteticamente distintas, o que, por consequência, evocaria diferentes nuances narrativas nos estudantes. Longe de ser uma limitação metodológica, essa variabilidade enriquece a proposta. Em uma sociedade marcada pela "modernidade líquida" (Bauman, 2001), em que as formas, as tecnologias e as relações são efêmeras e fluidas, cada interação humano-máquina produzirá um artefato único e irreproduzível. Justamente por essa imprevisibilidade e fluidez dos algoritmos, o registro acadêmico desta experiência torna-se relevante e a curadoria do docente faz-se insubstituível, garantindo que as imagens geradas, por mais efêmeras que sejam, desemboquem em reflexões sólidas sobre a identidade e a inclusão.

5.1.3. Curadoria pedagógica (a análise)

A seleção das imagens geradas, observando como suas imperfeições (como as mãos falhas ou as flores murchas) poderiam servir de espelho para as imperfeições e dores humanas.

Como a atividade é apresentada em caráter propositivo e ensaístico, a análise recai sobre a potencialidade desses artefatos. Defendemos que, ao apresentar essas imagens aos alunos, não estamos ensinando sobre *software*, mas oferecendo uma linguagem visual para que o indizível — o preconceito sofrido, a exclusão sentida — possa vir à tona. A metodologia, portanto, reside na construção desse espaço de diálogo onde a tecnologia serve apenas para amplificar a voz humana e suas histórias.

6 Resultados e discussão

O poema concreto é uma escrita autobiográfica porque emana da concepção que o discente teve enquanto docente em formação. Em outras palavras, a exposição bibliográfica e vivencial do professor, enquanto ser em formação, é a matéria da qual a expressão verbal se constrói e que abordará os temas abstratos de inclusão, diversidade e estigma. O vídeo-monólogo de Dafoe (Dobrygin, 2016) dá subsídio metafórico ao contexto da aula, enquanto as imagens são a transliteração concreta das alegorias apresentadas. Passeggi *et al.* (2011, p. 372) sinalizam a dicotomia apresentada na reflexão do ser enquanto aprendiz e instrutor, dando

ênfase à criatividade para dar sentido à sua própria trajetória ao afirmar:

A centração no indivíduo como agente e paciente, agindo e sofrendo no seio de grupos sociais, conduz cada vez mais a se investigar em Educação a estreita relação entre aprendizagem e reflexividade autobiográfica. Sendo essa última considerada enquanto a capacidade de criatividade humana para reconstituir a consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida (Passeggi *et al.*, 2011, p. 372).

A partir das cinco estrofes do poema, foi solicitado a criação de seis imagens utilizando Gemini AI, versão 1.5 Flash (2024), as quais foram incorporadas ao texto com *design* do aplicativo Canva (2024), produzindo a Figura 3. Partimos das palavras principais no poema para significar, cuidadosamente, os conceitos-chave de diversidade, inclusão, multiculturalismo e estigma nas imagens geradas pela IA. Na Figura 1, construiu-se um painel com as seis imagens geradas, acompanhadas pelas estrofes do poema. As palavras foram dispostas de maneira a complementar as ilustrações, criando uma experiência visual e textual coesa.

6.1 Hermenêutica das imagens: do poema à metáfora visual

Nesta investigação, as palavras do poema concreto foram sementes lançadas em um solo digital para averiguar o tipo de imaginário que floresceria da interação humano-máquina a partir do texto lírico. Propomos uma análise hermenêutica das imagens produzidas na Figura 3, buscando compreender como ilustrações produzidas artificialmente, por um *input* humano, operam ao nível de alegorias visuais das Histórias de Vida que habitam o chão da escola.

Figura 3 — Imagens geradas por IA generativa a partir do poema concreto escrito pelo docente poeta.



Fonte: Autoria própria (2024).

Ao confrontarmos a IA com os versos sobre "Inclusão" e "Multiculturalismo", a máquina devolveu-nos representações de um jardim (Figura 3). Contudo, o que essa imagem nos faz sentir sobre a escola? Ela evoca a sala de aula como um espaço heterogêneo, muito mais próximo de um ecossistema no qual a diversidade é a condição de existência. O campo de girassóis sob um céu brilhante simboliza a beleza na unidade, mas também nos lembra que cada "flor" tem seu tempo de brotar.

O campo de girassóis sob um céu brilhante, simbolizando a diversidade e a beleza na unidade; os três rostos fundidos com elementos da natureza representam a união e a inclusão cultural, a celebração das diferenças como expresso no monólogo de Dafoe (Dobrygin, 2016); o arco-íris sobre um céu nublado, simbolizando esperança, a cor que deve emergir da diversidade; o rosto em mosaico é uma representação vívida do multiculturalismo e nos lembra que, mesmo com origens diferentes, somos todos humanos.

Em contrapartida, a representação do "Estigma" (Figura 3) nos convoca a olhar para as sombras. As flores murchas, banhadas por uma luz tênue através de uma janela, não são apenas "erros" de jardinagem; elas materializam o que Goffman (1988) descreve como a "identidade deteriorada". Essa imagem opera como um texto visual que convoca o sujeito a narrar suas "feridas biográficas". Ao ver a flor murcha, imagino que, como eu (autor-docente), o estudante vê além da planta, mas reconhece a si mesmo nos momentos em que foi silenciado ou rotulado. A imagem do girassol solitário contra um céu escuro enlutarado destaca a complexidade do gerenciamento da informação que o indivíduo estigmatizado precisa realizar para sobreviver socialmente.

6.2 A formação como rede de apoio

Um ponto interessante é a metáfora visual das mãos entrelaçadas, presente na composição da Figura 4. É possível notar que o modelo construiu uma imagem humanizada de mãos unidas ao redor de um coração contendo buraco de fechadura, que pode ser interpretado como a representação da união e das infinitas possibilidades de interação.

Figura 4 — Mais ilustrações geradas pelo *prompt* em forma de poema concreto.



Fonte: Autoria própria (2024).

O desenho de mãos não é perfeito e constitui um problema para a produção de imagens anatomicamente verossímeis pela IA generativa (Mioto, 2023). A incapacidade de desenhar mãos com perfeição aqui nos oferece uma dimensão poética. Essas mãos que se buscam representam a necessidade vital das redes de apoio na formação docente e discente. Conectando-nos à teoria da formação de professores, Imbernón (2010) destaca que a docência não se constrói no isolamento, mas na colaboração e na troca de experiências entre pares. A imagem das mãos (4º elo da Figura 4 e 5ª estrofe do poema concreto) materializa essa "comunidade de aprendizagem". Ela sugere que a inclusão não é um ato solitário de tolerância, mas um entrelaçamento de trajetórias nas quais o "eu" só se constitui na relação com o "outro".

6.3 Síntese pedagógica: um mosaico de diversidades

Como culminância de todo o processo criativo, apresentamos a Figura 5, que representa a curadoria pedagógica final. Nestas lâminas, foi solicitado à IA generativa que produzisse uma imagem única e a ferramenta retornou um artefato educativo bastante coeso. A Figura 5a apresenta uma visão panorâmica, com o arco-íris sendo retratado como fenômeno meteorológico e ponte forjada pela luz entre as diferenças representadas pela multiplicidade de flores sob o arco-celeste, como que para representar a aliança entre povos, celebrando suas diferenças. A Figura 5b, com o prisma central, dialoga diretamente com o monólogo de Dafoe em *Mind the Gap* (Dobrygin, 2016): as falhas, as lacunas e as refrações não são defeitos, mas espaços de possibilidade.

Mesmo que as imagens geradas pela IA generativa sejam utilizadas como cartões, tipo *flashcards*, ou projetadas para os estudantes, ou ainda, que seja solicitado ao estudante que crie sua própria imagem, ela será um dispositivo de fala. Serve como ponto de partida para conversas sobre como a cultura e o estigma afetam a vida e as comunidades. Ao projetar a Figura 5 em sala de aula, é coerente que o professor substitua a pergunta "o que vocês veem?", pelo "onde você se vê nesta imagem?". A partir desse questionamento, a tecnologia cumpre seu papel mediador: ela permite que a discussão saia do plano abstrato e pouse na experiência vivida, transformando o estigma em narrativa de pertencimento e a sala de aula em um mosaico de possibilidades infinitas.

Quando a tecnologia devolve a imagem a partir do poema, nós nos sentimos incentivados a compartilhar as próprias experiências e reflexões, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e empático. Por esse motivo, o que estamos compartilhando é uma metalinguagem do tema que aborda o entendimento dos autores sobre os temas relacionados à diversidade, multiculturalismo e estigmas, enquanto incentiva a expressão criativa e o pensamento crítico mediado pela tecnologia, sem substituição da inter-relação humana. Ao combinar arte visual com poesia concreta, cria-se uma ferramenta educativa poderosa que ressona profundamente com os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, ajudando-os a compreender e desafiar os estigmas culturais.

Figura 5 — Imagens geradas ao solicitar ao modelo uma imagem única a partir do poema concreto.



Fonte: autoria própria (2025).

7 A materialização da prática

Para transpor as reflexões que do campo teórico para o chão da escola, concebemos a atividade pedagógica "Diversidade: Elo a Elo". A proposta é um convite à biografização. Se, como apontam Camargo e Daros (2018), uma estratégia pedagógica envolve a seleção de recursos que se adaptam às necessidades dos alunos, aqui a necessidade identificada foi a de fala e escuta. A partir das vivências como docente em constante formação, a estratégia foi criar um dispositivo em que a potencialidade da IA generativa e o poema autoral atuassem como mediadores para que estudantes pudessem tecer suas próprias narrativas sobre diversidade e multiculturalismo, dialogando com Candau (2008) e Goffman (1988).

Não foi buscada uma resposta correta ou definitiva, não obstante, inspirados por Silva e Soares (2023), utilizamos as imagens geradas como gatilhos visuais na tentativa de interpretação implicada. O desafio proposto aos discentes é hermenêutico: assim como imagens criadas a partir de conceitos da "Educação para diversidades", os jovens são convidados ao caminho reverso: interpretar as metáforas visuais da IA associando-as aos versos do poema e, crucialmente, justificando suas escolhas com base em suas vivências próprias pessoais. É nesse momento que a "tarefa" se transforma em "experiência".

7.1 Os elos da narrativa

A estrutura da atividade baseia-se em quatro "Elos" conceituais. Estes elos são categorias taxonômicas que visam levar do poema à vivência, do verbal ao emocional; são fragmentos da minha "escrita de si" (o poema) que se oferecem como espelho para a escrita do outro (o aluno). A IA, ao interpretar as nossas palavras-chave de forma estocástica, gerou as imagens metafóricas (Figura 4) que servem de âncora para os temas expostos na Figura 6.

Figura 6 — Os elos para uma inclusão social efetiva: cultura, reconhecimento e união.

O Elo	A Representação (Símbolo)	A Poética (A Essência)	A Narrativa (A Ação)
1º Elo: A Inclusão		A chave da diversidade é a porta que se abre à igualdade. Sem distinção, sem segregação, é um espaço para cada coração.	Convoca o estudante a narrar momentos de abertura e acolhimento, ou a denunciar as portas que encontrou fechadas.
2º Elo: O Multiculturalismo		Um mosaico de culturas se une. Um caleidoscópio que nos reúne. São tradições, costumes e saberes tecendo a história de diversos caracteres.	Incentiva o aluno a reconhecer a sua própria herança e a do colega como parte constitutiva do tecido escolar, e não como algo exótico.
3º Elo: O Estigma		Preconceitos que prendem e machucam, são barreiras que separam e isolam. Mas a força da união resiste, quebrando as correntes que insistem.	Momento de catarse. Permite falar da dor, do preconceito e das marcas identitárias (Goffman) através da imagem, sem exposição direta do sujeito.
4º Elo: A União		Mãos entrelaçadas, corações conectados, construindo pontes, sonhos que se erguem no coletivo. Na diversidade, a força se encontra como um elo que nos une.	Propõe a reconstrução dos laços e o fechamento, onde a turma se reconhece como uma comunidade de aprendizagem.

Fonte: NotebookLM (2026) a partir da descrição dos autores que compõe cada célula do quadro.

Ao final, a IA, que serviu para gerar essas metáforas visuais tangíveis de conceitos abstratos, sai de cena. O que permanece é a roda de conversa, a troca de olhares e as histórias



partilhadas. A tecnologia cumpriu seu papel: foi a faísca que acendeu a fogueira das narrativas, permitindo que a sala de aula se tornasse, de fato, um espaço de "escritas de si" e de escuta do outro.

7.2 Celebrar diversidades: a dimensão sonora para inclusão

Se as imagens geradas pela IA operam como espelhos visuais das nossas imperfeições, a música surge para costurar as narrativas com o fio do afeto. A inclusão não é apenas um ato cognitivo de reconhecimento de direitos, mas uma celebração da existência do outro em sua plenitude despadronizada.

Nesse sentido, a proposta pedagógica não se encerra na tela do computador. Para o fechamento da aula, sugerimos a utilização da canção "Vamos celebrar", interpretada por Oswaldo Montenegro e Maria Clara Davite, para um fechamento lúdico e animado. A canção é um convite à aceitação das diferenças, principalmente quando fala:

Vamos celebrar [...]. Eu gosto de trem fora do trilho. De andar com meu filho e da cor do marfim. Tem gente, muita gente que eu gosto e que eu quase aposto que não gosta de mim. Eu gosto é de cantar. Vamos celebrar [...]. Eu gosto assim de quem é eterno. E de quem é moderno e de quem não quer ser. (Montenegro, 1997, 00min14s-02min25s)

A metáfora do "trem fora do trilho" dialoga profundamente com o conceito de estigma de Goffman e com os "*gaps*" de Willem Dafoe que é exemplo de narrativa de si, um texto autobiográfico sobre estigmas. Em uma sociedade escolar que muitas vezes exige o "trilho" da normalidade e do desempenho padronizado, cantar a beleza do desvio é um ato de resistência. A música reforça a mensagem de que a sala de aula, mediada ou não por tecnologias, deve ser o lugar onde "quem é moderno" e "quem não quer ser" encontram o mesmo espaço de acolhimento e escuta.

8 Considerações finais

Ao final deste percurso investigativo, frente a uma autorreflexão pessoal dos autores, realizada sobre ponderações docentes ao longo dos últimos anos, reafirmamos a premissa de que a tecnologia, por mais avançada que seja, não substitui o humano; ela o convoca. A IA, aqui desmistificada, não atuou como um oráculo de respostas prontas, mas como um espelho. Por meio da curadoria pedagógica, materializada na "escrita de si" do poema autoral, a tecnologia pôde transcender sua frieza algorítmica para mostrar que ela é instrumento para amplificar vozes historicamente silenciadas no contexto escolar.

As imagens geradas, com suas imperfeições e belezas, operam como textos visuais que instigam o sujeito a narrar sua experiência com a exclusão. Assim como o monólogo de Willem Dafoe nos ofereceram a oportunidade de explorar temas de estigma e autoaceitação, correlacionando-os com o trabalho de Goffman, a sala de aula mediada por essas tecnologias torna-se um espaço de ressignificação. A diversidade revela-se, então, como o elo final: uma grande cadeia formada por todos os elos citados: inclusão, multiculturalismo, estigmas e união. São cores, ideias e vozes cuja tonalidade é a diferença que nos une na característica comum – somos, todos, humanos. Este é o simbolismo de respeito, empatia e compaixão que buscamos: celebrar a diversidade em cada ação educativa.

A proposta aqui apresentada procurou inserir as modernas tendências tecnológicas num recorte peculiar da educação, a diversidade e a necessidade de fala e escuta ativa que se depreende das relações humanas. Não poderia ser diferente com a relação aluno-professor. O enfoque foi a instrumentalização sensível de estudantes e professores no uso de LLM's nos cursos de licenciatura. Destarte, a limitação da reprodutibilidade fiel da imagem por outras LLM's ou pelo mesmo *prompt* gerador, traz uma dimensão de registro ao relato: a retomada do professor como fundamental agente mediador do discurso, devido à sua própria trajetória acadêmica e inter-relacional. O advento e a disseminação dessas ferramentas impactaram significativamente as práticas educacionais, não obstante o acesso técnico não garante o uso pedagógico. Torna-se essencial capacitar os futuros docentes para que operem a máquina com a capacidade de diálogo experiencial, criando *prompts* por meio de suas próprias Histórias de Vida.

A IA, como demonstrado pela atividade "Diversidade: Elo a Elo", tem o potencial de transformar a educação, criando experiências de aprendizagem mais inclusivas, engajadoras e significativas. Em componentes curriculares como Educação para as Diversidades, ao promover o diálogo e a reflexão crítica sobre desigualdades e marcadores sociais é possível a construção de ambientes adequados a uma escola multicultural, tornando a interação entre os atores do processo educacional mais justa e equitativa.

Este artigo discute a temática sem a pretensão de esgotá-la. Pelo contrário, ele abre uma fenda, um "gap" em que a formação docente deve atuar frente às novidades tecnológicas: garantindo que, entre o poema e o algoritmo, prevaleça sempre a humanidade do encontro. Isso vale para a criação dos *flashcards* propostos e para todas as outras variações que possam surgir da criatividade e da "escrita de si" de cada educador, mostrando que o elo final é humano.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília: MS, 2025. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 jan. 2026.

BUBECK, Sébastien *et al.* Sparks of artificial general intelligence: early experiments with gpt-4. **arXiv**, Ithaca, arXiv:2303.12712, 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2303.12712>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.

CANVA. **Educação & Diversidade**. [Design gráfico]. 2024. Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAGJ1yHEUCg/MI867AxA0JJ6RBCzhI6DEQ/edit>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DELBONE, F. R.; WIESE, I. S.; SILVA, M. A. G. Análise dos efeitos do idioma na geração automática de respostas por aplicações de LLM. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM COMPUTAÇÃO (EDUCOMP)*, v. 4., 2024, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBC, 2024.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografias e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução: Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luís Passeggi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

DOBRYGIN, Grigoriy (dir.). **Mind the Gap**. [Filme curta-metragem]. [S.l.]: NOWNESS, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pnihD9ues_k. Acesso em: 07 mai. 2026.

D'OSSO, Hemily Oscarina *et al.* As contribuições de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber para a compreensão das desigualdades étnico-raciais e de gênero no campo jurídico. **Revista Tópicos**, [S. l.], v. 3, n. 27, p. 1-12, 2025.

FERREIRA, Fernanda Rodrigues. **O que ficou para trás?** percepções docentes sobre as desigualdades sociais durante o ensino remoto na pandemia de covid-19 e no retorno ao Ensino Presencial em uma escola estadual de Porto Alegre (RS). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

GEMINI. **Poema Concreto descrito no item 3.1**. [Modelo de IA]. [S.l.]: Google AI, 2024. Disponível em: <https://gemini.google.com/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HATAKEYAMA-SATO, Kan *et al.* Prompt engineering of GPT-4 for chemical research: what can/cannot be done? **Science and Technology of Advanced Materials: Methods**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 2260300, 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMDb. **Mind the Gap** (2016). [Cartaz]. [S. l.], 2016. 1 imagem. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt5478758/>. Acesso em: 9 mai. 2026.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LO, Leo S. The Art and Science of Prompt Engineering: A New Literacy in the Information Age. **Internet Reference Services Quarterly**, [S.l.], v. 27, n. 4, p. 203–210, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10875301.2023.2227621>. Acesso em: 15 jan. 2025.

LOPES, C. W. **Professores e livros de autoajuda**: reflexões sobre práticas de leitura na contemporaneidade. 1. ed. Curitiba: CRV, 2021.

MARQUES, A. V.; SILVA, G. F. da; SANTOS, J. O. dos. O uso da IA para pessoas com deficiência considerando aspectos da propriedade intelectual. **Educação**, Santa Maria, v. 47, n. 1, 2024.

MIOTO, R. E. A. **A criação da mão pela arte**: o fazer entre o humano e a Inteligência Artificial. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

MONTENEGRO, Oswaldo. Vamos Celebrar. Intérpretes: Oswaldo Montenegro e Maria Clara Davite. In: MONTENEGRO, Oswaldo. **DVD Intimidade**. [S.l.: s.n.], 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xDA9zLYzfdY&ab>. Acesso em: 07 mai. 2026.

MORAIS, Joelson de Sousa. Tecer com afeto, sensibilidade e emoção: a pesquisa narrativa autobiográfica em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 46, e285316, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.285316>. Acesso em: 5 jan. 2026.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

OS ELOS para uma inclusão social efetiva: cultura, reconhecimento e união. [Infográfico]. Produzido por Ullmann, M. A. via Google NotebookLM [S.I.: s.n.], 2026. Gerado a partir da descrição do autor para composição de cada célula do quadro.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

SILVA, C. S.; SOARES, M. H. F. B. Estudo bibliográfico sobre conceito de jogo, cultura lúdica e abordagem de pesquisa em um periódico científico de Ensino de Química. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 29, e23003, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320230003>. Acesso em: 15 jan. 2025.

SILVA, Manuel Carlos. Desigualdade e exclusão social: de breve revisitação a uma síntese proteórica. **Configurações: revista de ciências sociais**, [S. l.], n. 5/6, p. 11-40, 2009.

SIQUEIRA, Euzemar Fátima Lopes. A Escrita de Si: a compreensão do mundo pela beleza dos versos e reversos poéticos. **Revista Terceiro Incluído**, v. 14, n. 1, p. e14107-e14107, 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.



WANG, Shuyuan *et al.* Large language models for education: A survey and outlook. **arXiv preprint arXiv:2403.18105**, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2403.18105>. Acesso em: 15 jan. 2025.

Recebido em janeiro de 2026.

Aprovado em junho de 2026.